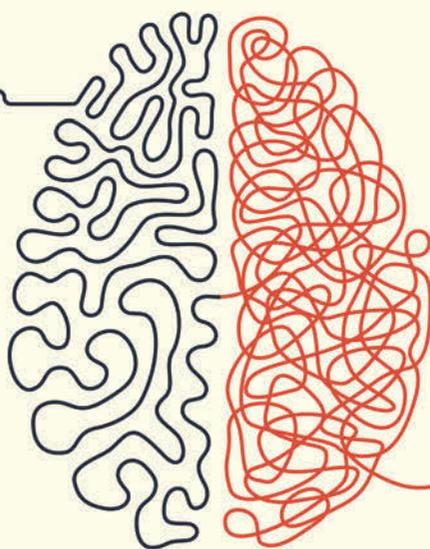


DAN ARIELY

Autor de *Previsivelmente Irracional*

DESINFORMAÇÃO



«Um livro oportuno
que revela as bases
para criar uma sociedade
mais empática
e informada.»

Daniel H. Pink,
autor bestseller

O que leva pessoas racionais
a acreditar em coisas irracionais

v o g a i s

Este livro é dedicado às pessoas com crenças errôneas que me ajudaram a compreender a sua visão do mundo e, no processo, a compreender melhor o mundo que todos partilhamos. Muitas delas começaram por ser antagonistas pessoais, mas tornaram-se os meus guias antropológicos. Algumas, de uma maneira estranha, tornaram-se uma espécie de algo que não é propriamente diferente de amigos. Têm a minha profunda gratidão pelo tempo e pela orientação que me concederam.

ÍNDICE

Demonizado: Uma introdução que deve ler, mesmo que seja o tipo de pessoa que normalmente salta as introduções	9
---	---

Parte I: O funil da crença errónea

Capítulo 1	Como pode <i>aquela</i> pessoa acreditar <i>naquela</i> coisa?	33
Capítulo 2	O funil em funcionamento	47

Parte II: Os elementos emocionais e a história do stress

Capítulo 3	Pressão, stress, vergar e quebrar	57
Capítulo 4	Escolher um vilão como maneira de recuperar o controlo	97

Parte III: Os elementos cognitivos e a história da nossa maquinaria disfuncional de processamento da informação

Capítulo 5	A nossa procura da verdade em que queremos acreditar	133
Capítulo 6	Trabalhar arduamente para acreditarmos naquilo em que já acreditamos	167

Parte IV: Os elementos da personalidade e a história das nossas diferenças individuais

Capítulo 7	Lições sobre personalidade dadas por pessoas abduzidas por extraterrestres	207
Capítulo 8	Uma tentativa de classificar o papel da personalidade no funil da crença errónea	239

Parte V: Os elementos sociais e a história do tribalismo

Capítulo 9	A ostracização, a pertença e a atração social da crença errônea	273
Capítulo 10	O acelerador social	297

Parte VI: A crença errônea, a confiança e a história do nosso futuro

Capítulo 11	Poderemos dar-nos ao luxo de voltar a confiar — e poderemos dar-nos ao luxo de não o fazer?	327
Capítulo 12	O porquê de o Super-homem me dar esperança: Uma palavra final (nem por isso)	341
	Agradecimentos	351
	Referências	353
	Índice remissivo	361

DEMONIZADO

**Uma introdução que deve ler, mesmo que seja
o tipo de pessoa que normalmente salta as introduções**

«Nunca imagine que não é diferente do que pode parecer aos outros, que o que era ou poderia ter sido não era diferente do que o que teria sido se lhes tivesse parecido ser diferente».

LEWIS CARROLL, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*

«Dan, não acredito que se tenha tornado nesta pessoa. Quando é que se tornou tão ganancioso? Como é que mudou tanto?»

Reconheci o nome no *e-mail* — Sharon, uma mulher que eu conhecera vários anos antes, quando me pedira ajuda para um seminário empresarial que ia ministrar, acerca de mudança comportamental. Na altura, passei três horas a ajudá-la a dar mais substância à sua apresentação, sem quaisquer custos. Após o seminário, Sharon telefonou-me a agradecer e isso foi o fim do nosso relacionamento — até julho de 2020, quando recebi esta mensagem estranha e críptica.

Respondi-lhe imediatamente: «A que é que se está a referir, exatamente?»

A resposta que Sharon me enviou tinha várias ligações e, quando cliquei nelas, dei por mim a embarcar numa das viagens mais desconcertantes, perturbadoras e, contudo, fascinantes, da minha vida.

Era como se me tivesse aproximado da orla da realidade que conhecia e tivesse afastado uma cortina que revelava um universo paralelo, no qual alguém com o meu rosto, a minha voz e o meu nome estava a perpetrar atos perversos que ameaçavam a humanidade à escala global — e essa pessoa já fazia isso há algum tempo. Parecia a primeira cena de um romance de ficção científica. As ligações que Sharon me enviou levaram-me a inúmeros *sites* que me retratavam como o «principal manipulador de perceção» da «fraude da covid-19» e um dos líderes da chamada conspiração da Agenda 21. Neste universo paralelo, eu e os meus amigos *Illuminati* estávamos de conluio com Bill Gates, a criar um plano diabólico para injetar as mulheres com uma vacina que as tornaria inférteis e que diminuiria a população mundial, ao mesmo tempo que estávamos a criar um sistema de passaporte internacional de vacinas que permitiria que aqueles que estavam no poder (alegadamente, Bill e os *Illuminati*, incluindo eu) rastreassem as deslocações de toda a gente pelo planeta. Muitos dos contribuidores *online* levavam estas ideias mais longe e afirmavam que eu estava a colaborar com vários governos para controlar e manipular os seus cidadãos.

Fiquei sem saber o que pensar. Enquanto continuava a ler, comecei a sorrir para mim mesmo. Afinal de contas, era absurdo — e, caso tenham dúvidas, descaradamente falso. A minha principal ligação a Bill Gates fora um breve trabalho que fizera uns anos antes com a Bill & Melinda Gates Foundation sobre nutrição na primeira infância em África. Certamente que nunca me juntei às fileiras dos *Illuminati* (e, mesmo que quisesse fazê-lo, não faço ideia de como isso se faz). Ainda não fora aprovada nenhuma vacina contra a covid-19 e eu não participara no esforço do seu desenvolvimento. Quanto a aconselhar governos, fiz algum trabalho nessa área, mas os meus conselhos limitaram-se a questões como incentivar o cumprimento das restrições impostas pela pandemia e o uso de máscaras, distribuir ajuda financeira de maneira mais eficaz, melhorar a motivação dos educadores e dos estudantes e trabalhar para diminuir a violência doméstica. Via-me a mim mesmo como alguém que trabalha incansavelmente para tornar as coisas

melhores e, no entanto, aqui estavam imensas pessoas a comparar-me a Joseph Goebbels, o devotado laçao de Adolf Hitler e principal propagandista nazi. Poderia isto ser mais do que uma piada de mau gosto? Ou talvez apenas um equívoco bizarro? Com certeza que ninguém levaria isto a sério.

Contudo, segui as ligações até às profundezas da Internet e apercebi-me de que havia muitas pessoas que estavam a levar isto verdadeiramente a sério. As publicações sobre mim tinham milhares de comentários. O meu «gémeo malvado» aparecia em vídeos mal editados, por vezes vestido com um uniforme nazi e sempre com intenções desprezíveis. Painéis de conferência *online* debatiam as minhas falhas de carácter e motivos nefastos. Havia apelos para a realização de «julgamentos de Nuremberga 2.0», que me considerassem culpado e me sentenciassem à execução na praça pública.

Após ter passado várias horas a ler e a ver vídeos, não achei graça nenhuma. Na verdade, era doloroso e confuso, sobretudo quando vim a descobrir, mais tarde, que as pessoas que acreditavam nestas mentiras sobre mim não eram apenas desconhecidos, mas incluíam pessoas que, anteriormente, haviam estudado o meu trabalho e o respeitavam, e até algumas pessoas que me conheciam pessoalmente há anos. Como é que poderiam estar tão enganadas? Certamente, pensei eu, se pudesse ter uma conversa com elas, iriam perceber o seu erro e toda esta loucura acabaria. Talvez até me pedissem desculpa.

Vi que uma das líderes da discussão, Sara, havia indicado um número de telefone. Era a pessoa que apelava a que eu fosse julgado. Sara tinha a certeza de que, após os meus crimes contra a humanidade se tornarem públicos, eu seria um dos primeiros a ser enforcado, para que todos vissem, soltassem vivas e comemorassem. Decidi telefonar-lhe e esclarecer as coisas. O que poderia correr mal?

Bem, descobri que muita coisa podia correr mal. A conversa não correu bem — por motivos que são, provavelmente, óbvios para qualquer pessoa que tenha passado, nem que seja alguns minutos, a considerar as probabilidades de convencer alguém a mudar de

ideias através de um telefonema de surpresa. Só que eu não estava a pensar — sentia-me profundamente ofendido e estava emotivo. Após me ter apresentado, disse a Sara que queria esclarecer as coisas e que ela podia perguntar-me tudo o que quisesse. As primeiras perguntas que me fez surpreenderam-me. Perguntou qual era a minha opinião sobre o que estava a acontecer. Quando comecei a falar acerca da covid-19, interrompeu-me imediatamente.

«Não, não, não, o que sabe acerca de como a covid-19 se enquadra na Agenda 21 e nos globalistas?»

«Nem sequer sei o que é a Agenda 21», respondi, «e não sei bem a que globalistas se está a referir.»

«Não se faça de inocente», retorquiu ela. «Sei perfeitamente quem é e o que faz.»

Em seguida, mudou de assunto e exigiu saber em que projetos é que eu estava a trabalhar com diferentes governos. Nessa altura, eu estava a trabalhar bastante intensamente em projetos relacionados com a covid-19 com o governo israelita e também em alguns com os governos britânico, neerlandês e brasileiro. Perante as perguntas exigentes de Sara, senti-me como se estivesse em tribunal e ela fosse a advogada de acusação. Disse-lhe que o meu trabalho se prendia sobretudo em conseguir que a polícia utilizasse recompensas para incentivar o bom comportamento de utilização de máscaras e de cumprimento da distância social, em vez de recorrer a multas. Também estava a trabalhar na aprendizagem eficaz da distância de segurança nas escolas e a tentar perceber que tipo de apoio financeiro o governo devia dar às pessoas que eram obrigadas a fechar as suas empresas.

Sara não acreditou em nada do que lhe disse. Nem por sombras. «Então, quanto a estar a destruir famílias ao dizer aos netos que não vão visitar os avós? E quanto a aumentar a solidão e o stress, o que provoca mais mortes? E quanto a obrigar os miúdos a usar máscaras que diminuem o fornecimento de oxigénio ao cérebro?»

As minhas fracas tentativas para negar todas estas acusações não surtiram qualquer efeito.

«Como explica os milhões que lhe foram pagos por serviços de consultoria que prestou a diversos governos?», exigiu saber. Nesse momento, na minha ingenuidade, vi um vislumbre de esperança. Até agora, todas as acusações tinham sido tão inverosímeis que nem sequer sabia como começar a refutá-las. Há um ditado hebraico que se traduz livremente por «Como podes provar que a tua irmã não é uma prostituta, quando nem sequer tens uma irmã?» Mas, ser pago? Isso, podia refutar. Embora, efetivamente, ajude muitos governos, encaro isso como parte da minha missão académica e, conseqüentemente, nunca lhes cobro pelo meu tempo. Além disso, tal como todos os outros cidadãos americanos, apresento a declaração de impostos todos os anos e todas as minhas fontes de rendimentos estão indicadas nas declarações.

«E se eu lhe mostrasse as minhas declarações de impostos», propus, «e a Sara visse que não recebo pagamentos de quaisquer governos? Isso fá-la-ia mudar de ideias?»

Ela resmungou qualquer coisa e depois, abruptamente, perguntou-me se podia publicar *online* uma gravação da nossa conversa. Fiquei perplexo. Não fazia ideia de que ela estava a gravar a nossa conversa. (Desde então, aprendi que as pessoas no seu «ramo de atividade» gravam tudo.)

«Não, não pode», disse-lhe.

«Está a esconder alguma coisa?», desafiou-me ela.

«Não, não estou a esconder nada», retorqui, «mas, se soubesse que se tratava de uma conversa pública, ter-me-ia preparado de maneira diferente.» Fiz uma pausa, sem saber que mais lhe podia dizer. A conversa parecia ter chegado a um beco sem saída. A seguir, depois de gaguejar um pouco, acrescentei: «Lamento que não tenhamos conseguido ultrapassar as nossas diferenças», e desliguei.

Minutos depois, a Sara fez mais uma publicação no Facebook, na qual partilhava que o professor Dan Ariely — «O Professor», como agora me chamava — lhe tinha telefonado para tentar justificar-se. Porém, não precisavam de se preocupar, dizia aos seus seguidores, ela não permitira que o Professor a ludibriasse ou lhe contasse mentiras. Acrescentava que a conversa tornara claro

que, se os governos contratam pessoas como o Professor, é apenas para fins de lavagem cerebral. Afinal de contas, por que razão os governos precisariam dos serviços de pessoas como o Professor, se o que estávamos a enfrentar fosse uma pandemia real? Concluía a sua análise dizendo: «O Professor insistiu muito no facto de não ser pago pelos seus serviços e as suas insistências fizeram-me ter ainda mais suspeitas de que há realmente mais qualquer coisa a passar-se sob a superfície, que iremos revelar um dia no seu julgamento público.»

Como é evidente, essa discussão com Sara não foi muito frutífera. O leitor sabe como algumas pessoas aprendem lentamente? Pode incluir-me nesse grupo. Mesmo após essa experiência, não deixei de tentar. A seguir, aventurei-me no Telegram, a plataforma de rede social preferida dos meus detratores. Esta aplicação, desenvolvida pelos russos, destina-se a pessoas com baixos níveis de confiança. O código-fonte é público, para garantir que nada de estranho ocorre nos bastidores, e a plataforma facilita a gravação e o envio vídeos com um minuto de duração. Atirei-me de cabeça e publiquei uma série de vídeos a responder a um chorrilho de acusações: era responsável pelas quarentenas; era responsável por as pessoas serem obrigadas a usar máscara, o que danifica o cérebro ao privá-lo de oxigénio; era responsável pela falta de liberdades humanas básicas, pelo medo, por destruir famílias, por pedir às crianças que não fossem ver os avós e pela solidão das pessoas de todo o mundo.

Ponto por ponto, ofereci esclarecimentos racionais acerca daquilo que estava e não estava a fazer no meu trabalho com os governos. A diminuição da violência doméstica, sim. As quarentenas, não. A motivação de crianças para aprenderem à distância, sim. A disseminação intencional do medo, não. Apresentei provas que refutavam claramente as preocupações relativas às máscaras. Se estas privassem o cérebro de oxigénio, não teríamos assistido a um declínio cognitivo nos cirurgiões e nos dentistas, muito antes da covid-19? Partilhei a minha tristeza em relação ao isolamento que as pessoas estavam a sentir e ao impacto que ficar em casa tinha nas crianças. Também salientei que não concordava com tudo o

que os governos estavam a fazer, mas que muitas coisas eram complexas e tinham muitos custos e benefícios.

Cada vídeo que publiquei foi atacado com comentários e vídeos que continham dezenas de acusações adicionais, que voavam pelo meu ecrã como um enxame crescente de vespas zangadas. Não conseguia acompanhá-las e não conseguia responder suficientemente depressa. Tentar enxotá-las apenas me deixou mais irado. Não tardei a sentir-me como se fossem mil contra um, e era um com quem não queriam genuinamente entrar em diálogo. Pegaram nas minhas palavras e distorceram-nas para serem provas adicionais da sua narrativa. Atiravam-me novas acusações mais depressa do que eu conseguia refutá-las. A dada altura, percebi que estava apenas a dar-lhes mais imagens não editadas que podiam ser utilizadas pelos seus editores sem escrúpulos. Desisti e apaguei os meus vídeos, uma ação que foi interpretada como mais uma prova do meu fraco carácter moral e uma admissão de culpa. Enquanto saía do Telegram, refleti que poderia ser impossível chamar à razão pessoas que querem acreditar naquilo em que já acreditam e que sentem um ódio tão intenso. O ódio não é uma conversa.

Os conteúdos negativos não tardaram a transbordar do universo paralelo para o meu mundo. As minhas redes sociais foram inundadas de comentários de ódio. As pessoas declararam que estavam a queimar os meus livros. Telefonaram aos meus parceiros de negócios e vilipendiaram-me, e até à minha família. Comecei a receber ameaças de morte quase todos os dias.

Se já sofreu alguma forma de ódio — quer *online* quer *offline* — ou se já foi alvo de deturpação, talvez tenha alguma noção de como me senti: por vezes impotente, outras vezes furioso, por vezes assustado e, sempre, injustiçado. E também me sentia intrigado. Por que razão isto me estava a acontecer? Como é que me tornara um alvo? O Bill Gates? Está bem, eu percebo, é rico, famoso e tem uma fundação que trabalha no âmbito da saúde pública. Como é evidente, isso não faz dele um arquiteto do mal, mas percebe-se por que razão é um alvo. O Dr. Anthony Fauci? Bem, aparece na televisão muitas vezes, a dizer coisas nada populares acerca de

máscaras e confinamentos. Isso também não faz dele um arquiteto do mal, mas, por outro lado, percebe-se por que razão tentam atingi-lo. Os *Illuminati*? Bem, se sequer existem, ninguém sabe realmente quem são, mas parecem bastante suspeitos, por isso, talvez mereçam ser alvo de algumas teorias da conspiração. Porém, um cientista social moderadamente conhecido, que escreveu alguns livros acerca da razão de as pessoas serem irracionais? Não conseguia perceber como é que eu tinha acabado junto de tão ilustre companhia.

Porquê eu?

Comecei a analisar mais cuidadosamente as «provas» que estavam a persuadir tantas pessoas a odiar-me. Aparentemente, a prova mais partilhada era um vídeo meu, em que sugeria que, para cortar nos custos médicos, deveríamos convencer as ambulâncias a chegarem mais tarde, incentivar o tabagismo e aumentar o stress geral de toda a população. Efetivamente, tratava-se do meu rosto, com a minha meia barba (se tem curiosidade em saber por que razão tenho a barba assim, já lhe explicarei mais à frente), as palavras eram minhas e lembrava-me de ter feito esse discurso. Contudo, nunca pronunciara exatamente esse discurso. Como poderia tal ter acontecido? Para esclarecer, permita-me que o leve ao ano de 1729, à Irlanda.

Jonathan Swift, mais conhecido por ser o autor de *As Viagens de Gulliver*, também escreveu uma sátira fantástica, embora um pouco menos popular, que ficou conhecida pelo título *Uma Proposta Modesta*. O título completo do ensaio, em inglês, revela basicamente o seu conteúdo: «Uma proposta modesta para impedir que os filhos de pessoas pobres sejam um fardo para os pais ou para o país, e para as tornar proveitosas para o público». Nesse ensaio, Swift sugere que os irlandeses pobres poderiam aliviar as suas dificuldades económicas vendendo os filhos como alimento para senhores e senhoras ricos. E Swift não se ficou por aí, entrou em

pormenores, escrevendo: «Uma criança de tenra idade, saudável e bem nutrida, é, com um ano, um alimento extremamente delicioso, nutritivo e saudável, quer seja *Estufada*, *Grelhada*, *Assada* ou *Cozida*, e não tenham dúvidas de que também servirá para um *Fricassé* ou um *Ragu*.» O ensaio, frequentemente utilizado atualmente como exemplo da arte satírica, frisa um aspeto chocante — e eficaz — acerca das atitudes em relação aos pobres.

O leitor poderá perguntar-se que relação tem este ensaio com a nossa história. Bem, em 2017, decidi fazer a minha própria proposta singela. Fora convidado a discursar numa conferência médica acerca do futuro da medicina. Como é evidente, não sou médico, por isso, o meu papel era refletir sobre os desafios médicos na perspetiva da economia comportamental. «O problema da medicina moderna», afirmei, «é, evidentemente, um problema de oferta e procura. As pessoas querem muitos cuidados de saúde e o sistema apenas pode fornecer uma quantidade limitada. Ora, a maior parte das pessoas aborda este problema tentando perceber de que modo o sistema de cuidados de saúde poderá mudar para oferecer mais cuidados. Quero propor uma abordagem diferente, que consiste nas pessoas quererem menos. Claramente, é uma maneira muito mais barata de equilibrar o fosso entre a procura e a oferta. Consequentemente, de que modo podemos convencer as pessoas a exigir menos cuidados de saúde?» Continuei e sugeri, mantendo a expressão mais séria que consegui arvorar, que abrandar as ambulâncias poderia mitigar a necessidade de hospitalizações dispendiosas, tal como aconteceria com o aumento do tabagismo e do stress que as pessoas estavam a sentir (vim a descobrir que, de uma perspetiva puramente financeira, o tabagismo e o stress matam mais depressa as pessoas que estão doentes e, no total, reduzem as despesas de saúde). O remate, caso alguém não tivesse percebido a piada, era: «Mas, esperem, já estamos a fazer estas coisas.»

Como é evidente, a minha intenção era salientar que o sistema de cuidados de saúde se preocupa apenas com as pessoas quando estas recorrem aos seus serviços (na minha história, uma ambulância) e que não investimos o suficiente em cuidados de saúde preventivos,

em combater o tabagismo e em reduzir o stress. Durante esse discurso, fiz um grande esforço por me manter sério, mas, se o leitor o analisar atentamente, de vez em quando vê que me escapa um pequeno sorriso. De maneira apropriada, o vídeo do YouTube indicava que se tratava de um discurso humorístico, que foi recebido com risos e aplausos pelo público.

Infelizmente, nada desse contexto foi preservado às mãos dos editores do vídeo, que manipularam o discurso para criar provas das minhas intenções perversas. Juntaram aos excertos imagens de campos de concentração nazis e uma banda sonora de gargalhadas maléficas. O vídeo terminava com uma locução sinistra: «E é esta a pessoa que define a agenda do nosso país.» O texto que acompanhava o vídeo dava a entender que o incrível trabalho de investigação dos produtores pusera a descoberto um conjunto de factos sobre o meu verdadeiro carácter e apresentavam-no como se fosse um importante reportagem do programa *60 Minutos*.

Outra «prova» partilhada regularmente era um excerto de um programa de televisão em que eu participara. Aparentemente, afirmava que trabalhara com Bill Gates em questões relacionadas com vacinações. No entanto, se o leitor analisasse o excerto atentamente, repararia num pequeno salto na frase, pois os editores do vídeo pegaram numa frase em que eu falava acerca do projeto que desenvolvera com a Fundação Gates sobre fome e nutrição na primeira infância em África e colaram-na a outra em que me referira à vacinação. *Et voilà*: O professor Dan Ariely admite que está a trabalhar com Bill Gates ao nível da vacinação.

Um outro vídeo, ao estilo de uma revelação, começava com imagens minhas em adolescente, no hospital, na sequência de um acidente que me deixou com queimaduras em 70 por cento do corpo (isso aconteceu realmente). As imagens mostravam *close-ups* do meu rosto queimado e as ligaduras que me cobriam o corpo. Porém, depois, o vídeo mudava surpreendentemente e afirmava que a minha desfiguração e sofrimento havia levado a que me sentisse irado contra as pessoas abastadas e que as odiasse, e que tudo o que queria era que toda a gente sofresse tanto quanto eu

sofrera. Na verdade, o meu acidente teve o efeito oposto: passei a ter mais compaixão e motivou-me para aliviar o sofrimento. Uma vez mais, o vídeo terminava com uma afirmação dramática sobre o meu papel na destruição do mundo tal como o conhecemos.

Havia muito mais «provas», algumas em formato de vídeo, outras de texto, seguidas de comentários trocistas acerca das minhas cicatrizes, de pessoas a dizerem que eu devia ter morrido queimado e de observações sobre o facto de a minha meia barba me fazer parecer o demo.

Tendo em conta a edição deliberada dos vídeos, de maneira a eliminar contextos e a pôr-me palavras na boca, seria de esperar que eu concluísse que havia alguém com más intenções por detrás de tudo isto. No entanto, embora a possibilidade de um adversário maldoso me tenha passado pela cabeça, não tardei a descartar essa ideia. Primeiro, as edições feitas aos vídeos não eram de especial boa qualidade. Segundo, por que razão teria alguém interesse em perseguir-me? Não é que não tenha nenhum ego, mas era-me difícil imaginar que sou suficientemente importante para que alguém gaste energia a tentar destruir-me. A conclusão a que cheguei foi que as pessoas que estavam por detrás dos vídeos eram boas samaritanas — ou, pelo menos, pensavam que eram — que tinham tropeçado nas informações em bruto, ligado os pontos, tirado as suas próprias conclusões, confiado nessas mesmas conclusões e editado as partes relevantes para salientar as ligações para as outras pessoas, para depois divulgar o seu trabalho com o intuito de ajudar as outras pessoas a verem a luz. Como é evidente, ganharem crédito nas redes sociais sob a forma de «gostos» e de comentários era simultaneamente um bónus importante para o esforço que haviam feito e uma motivação para continuarem.

Fiquei particularmente triste com as pessoas que disseram que estavam a queimar os meus livros (algumas até prometeram partilhar vídeos das fogueiras). Presumivelmente, essas pessoas haviam comprado e lido os livros e, conseqüentemente, conheciam a minha história, a minha motivação, a maneira como penso e os resultados da minha investigação. Como podiam descartar tudo o que

sabiam sobre mim, a favor de um vídeo de três minutos? Mesmo que pensassem que valia a pena ter em conta as «provas» constantes dos vídeos, como podiam pesar isso contra tudo o que sabiam acerca de mim e sentirem tanto ódio e raiva? Nos *feeds* das redes sociais dessas pessoas havia muitas afirmações sobre «fazer a nossa própria pesquisa» e apelar a que outros fizessem o mesmo. Contudo, era evidente que ninguém estava realmente a fazer qualquer pesquisa, além de verem alguns vídeos extremamente editados, de os aceitarem tal como estavam e depois tirarem conclusões precipitadas. A frase frequentemente citada (e atribuída a vários autores) «Não há nada a que um homem não recorra para evitar o trabalho real de pensar» veio-me à mente, como uma frase excepcionalmente verdadeira nas redes sociais.

Ainda dou por mim a sentir-me perplexo por ter acabado por ser demonizado desta maneira. Contudo, penso que isso se deve maioritariamente ao facto de ter publicado muito material *online*, que as pessoas podem escolher e usar, ao facto de ter um sentido de humor algo estranho, de parecer diferente por causa das minhas cicatrizes e meia barba, e ao facto de trabalhar com governos em muitos projetos. Também há um elemento de simples azar: alguém começou a analisar-me de uma perspetiva negativa, criou alguns vídeos e isso tornou-se uma avalanche de desinformação e de ódio que ganhou vida própria. Embora não fosse uma resposta muito satisfatória, foi a melhor que me ocorreu. E, agora, estava pronto para avançar para questões mais importantes. É provável que o leitor também esteja. Porém, primeiro, permita-me dar uma breve explicação às pessoas que se sentem curiosas em relação à razão de eu ter a barba assim.

O que se passa com a minha meia barba?

O principal motivo dos meus pelos faciais invulgares deve-se ao facto de, devido às minhas cicatrizes de queimadura, não ter pelos do lado direito do rosto. Como é evidente, poderia optar

por barbear o outro lado e parecer menos assimétrico, coisa que fiz durante muitos anos. A história um pouco mais complicada por detrás da minha barba começou com uma caminhada de um mês que fiz quando cheguei aos 50 anos, durante a qual não fiz a barba e não vi o meu aspeto. Quando a caminhada terminou, não gostei de me ver de barba e não tencionava mantê-la. Contudo, era uma memória do passeio, por isso, decidi adiar barbear-me durante mais algumas semanas.

Até que aconteceu algo inesperado: comecei a receber *e-mails* e mensagens nas redes sociais de pessoas a agradecer-me pela minha meia barba. Disseram-me que também haviam sofrido ferimentos e que a minha abertura em relação às minhas cicatrizes lhes dava alguma coragem para exporem as suas. Essas mensagens trouxeram-me à memória os primeiros tempos que passei no mundo com cicatrizes muito visíveis. As pessoas apontavam para mim e algumas riam-se. Os progenitores diziam aos filhos: «É isto que acontece quando se brinca com o fogo.» Era bastante horrível.

Consequentemente, decidi manter a minha barba. Efetivamente, fazia com que mais pessoas olhassem para mim de maneira esquisita e com que mais crianças se rissem, mas eu considerava que voltar a barbear-me seria esconder os meus ferimentos, em vez de ser claro e aberto em relação aos mesmos.

Durante os meses seguintes, aconteceu uma coisa ainda mais inesperada: a estranheza da minha barba ajudou-me a sentir maior aceitação por mim mesmo. E não apenas em relação às cicatrizes do rosto. Tenho muitas outras assimetrias devido às queimaduras que sofri e, de algum modo, ter a minha meia barba ajudou-me a mudar de atitude em relação a elas, de tal maneira que agora apenas penso nelas como parte de quem sou. Apenas documentam um capítulo da minha história de vida.

Esta nova aceitação de mim mesmo fez-me perceber algo acerca do ato diário de me pôr diante de um espelho e cortar a barba, tal como fizera durante tantos anos. No meu caso, não era apenas barbear-me, era também envolver-me no processo de me tornar menos assimétrico e de disfarçar um pouco os meus ferimentos.

Qual era o impacto desta auto-ocultação diária sobre a forma como pensava em mim mesmo e nas minhas cicatrizes? Em retrospectiva, apercebi-me de que o ato de me barbear/esconder me estava a impedir de aceitar o meu eu ferido. Agora que deixei de o fazer, as coisas tornaram-se muito melhores.

Enquanto cientista social que é suposto entender a natureza humana, sinto algum embaraço por admitir que os benefícios da minha meia barba me apanharam de surpresa. Não tinha a mínima intuição da mudança de perspetiva positiva que a minha decisão de não me barbear iria provocar. (Também não tinha a mínima intuição de que me tornaria conhecido, em cantos sombrios da Internet, pela alcunha digna de um livro do Harry Potter, «O Professor Meia Barba»). Talvez isso seja outro lembrete de que as nossas intuições são limitadas e de que precisamos de estar mais dispostos a fazer experiências com todos os tipos de mudanças, mesmo que, inicialmente, pensemos que não nos vão trazer quaisquer benefícios.

O que devo fazer?

Enquanto passava hora após hora a ler publicações e a ver vídeos sobre o meu eu imaginário, ia-me sentindo como se estivesse a enlouquecer. Para ser bem claro, não estou a falar em termos metafóricos. Era como se uma parte do meu cérebro estivesse constantemente envolvida no ódio que estava a sentir e isso me deixasse com menos capacidade cerebral para fazer o meu verdadeiro trabalho. Imagine um computador que gasta demasiada capacidade de processamento numa função de segundo plano. Era assim que me sentia. No entanto, contrariamente a um computador, tinha plena consciência de que estava mais lento do que o habitual. E suspeitava de que seria preciso mais do que um reinício para recuperar a velocidade normal. Demorava mais tempo a tomar decisões e sentia-me menos confiante de estar a tomar as decisões corretas. Estaria o meu QI a ficar erodido pela minha preocupação com a desinformação? Por que razão era incapaz de recuperar o controlo

sobre esta parte do meu cérebro? Por que razão estava tão obcecado com as falsidades destas pessoas, a ponto de discutir continuamente com elas na minha mente?

Observar a minha lentidão deu-me novas informações sobre um tema de investigação em que estava muito interessado, mas acerca do qual, até essa altura, não me tinha debruçado plenamente: a **mentalidade de escassez**. A investigação acerca deste assunto mostrava que os participantes tinham pontuações muito mais baixas nos testes de QI quando eram relativamente pobres (por exemplo, agricultores que estavam a poucas semanas da época das colheitas), comparativamente a alturas em que tinham algum dinheiro (agricultores que tinham acabado de fazer as colheitas e de as vender). E as diferenças eram substanciais em termos da sua capacidade mental (inteligência fluida e controlo executivo) quando estavam stressados por causa de dinheiro. A minha crise não era financeira, mas os efeitos de estar constantemente a pensar acerca dessas preocupações pareciam-me semelhantes. Analisei mais e mais investigações sobre a mentalidade de escassez — a ideia de que a pobreza impede a capacidade cognitiva ao ocupar parte da largura de banda limitada do cérebro — e comecei a compreender este efeito de uma maneira mais profunda e a sentir uma maior empatia pelas pessoas que eram descritas nestes estudos. Ser-se assombrado por memórias dia e noite é um fardo pesado para se carregar. Um certo grau de preocupação pode ser útil, pois pode tornar mais provável que prestemos atenção e tomemos melhores decisões. Contudo, a preocupação constante, o tipo de preocupação que ocupa tanta da nossa atenção e capacidade cerebral, não pode, de maneira alguma, ser útil.

Reconhecer a minha própria largura de banda reduzida e a sua semelhança com a mentalidade de escassez era apenas uma pequena descoberta, mas fazer essa simples ligação entre mim mesmo e a ciência mudou o meu estado emocional. A minha sensação de impotência sombria diminuiu um pouco. No seu lugar, como um raio de luz, apareceu uma velha amiga: a curiosidade. Afinal de contas, sou um cientista social. A minha vida tem sido

dedicada a ajudar a explicar o comportamento humano, em toda a sua maravilhosa irracionalidade, e é frequente o ponto de partida das minhas aventuras intelectuais ser a minha própria experiência. Talvez não fosse capaz de chamar este grupo à razão e, muito menos, de o silenciar, mas podia esforçar-me por o compreender e por compreender o ímpeto despertado pelas histórias que criavam a meu respeito. Ao fazer isso, talvez me tornasse um melhor cientista social e, entretanto, recuperasse algum controlo sobre a história. Decidi ver onde esta investigação me poderia levar.

Quando percebeu quais eram as minhas intenções, a minha mãe ficou preocupada com a minha segurança. Pediu-me que consultasse primeiro alguns especialistas em redes sociais e relações públicas, coisa que fiz. Como não é de surpreender, todos me deram o mesmo conselho: *Não faça nada*. É o conselho habitual nesta nossa época de desinformação, de polarização cada vez maior, de indignação por dá cá aquela palha e de meios de comunicação democratizados: *Ignore o assunto. Não alimente os trolls!* (Por falar nisso, são bons conselhos e, se eu tivesse uma constituição psicológica diferente, talvez os tivesse acatado.) Um dos especialistas disse-me que o facto de ser posto no mesmo saco de Bill Gates e dos *Illuminati* pelos negacionistas da covid-19 talvez até melhorasse a minha reputação junto do resto da população.

Não tentei deixar de entrar em diálogo com os meus detratores. Durante o dia, estava muito ocupado com as investigações e com vários programas destinados a lidar com as implicações sociais da pandemia, por isso, era fácil manter-me afastado das redes sociais e concentrar-me no trabalho. À noite, era outra história. Os pesadelos não paravam, sonhos assustadores em que era perseguido e assombrado. Também tinha um sonho recorrente em que andava a viajar pelo mundo, andando de cidade em cidade à procura de um lugar com menos ódio e raiva ao qual pudesse chamar lar. Passadas algumas semanas disto, percebi que não podia continuar assim. Por entre a mágoa e a confusão, a minha curiosidade aumentou. O meu mecanismo de superação preferido era tentar compreender o fenómeno e utilizar todos os meus conhecimentos de

ciência social para dar sentido ao que estava a viver. Nunca imaginara que seria transformado em vilão por dezenas de milhares de pessoas, mas, quando isso aconteceu, senti que a minha sanidade dependia de descobrir como e por que razão tal tinha acontecido. Daí este livro.

Como abordei este livro

O percurso deste livro começou com a minha experiência pessoal, mas não tardou a versar acerca de um fenómeno que nos afeta a todos. Levou-me a aventurar-me em áreas de investigação que são novas para mim, tais como a personalidade, a psicologia clínica e a antropologia. A disseminação das teorias da conspiração e o flagelo da desinformação são desafios que vão além do universo da ciência social e que ultrapassam o âmbito da minha experiência e da capacidade de qualquer livro. A tecnologia, a política, a economia e outras áreas desempenham um papel na promoção e na aceleração destes problemas. Com o advento de ferramentas de IA avançadas, tais como o ChatGPT e os seus congéneres, e a contínua polarização de tudo, é difícil perceber, de uma perspetiva social e estrutural, como poderemos resolvê-los em breve. O que me fascina — e onde vejo potencial para uma mudança positiva — é compreender a razão de as pessoas serem tão suscetíveis. Por que razão não apenas acreditamos na desinformação como também a procuramos e disseminamos ativamente? Qual é o processo que leva uma pessoa aparentemente racional a começar a considerar, a adotar e, depois, a defender crenças irracionais? Abordar estas questões com empatia, em vez de fazer juízos de valor ou ridicularizá-las, é, simultaneamente, esclarecedor e desconcertante.

Neste livro, irei utilizar o termo **crença errónea** para descrever o fenómeno que iremos abordar. A crença errónea é uma lente distorcida através da qual as pessoas começam a ver o mundo, a raciocinar acerca dele e, depois, a descrevê-lo a terceiros. A crença errónea é também um processo — uma espécie de funil que puxa

as pessoas cada vez mais para o seu interior. O meu objetivo neste livro é salientar como qualquer pessoa, nas circunstâncias certas, pode dar por si a ser puxada para dentro do funil da crença errónea. Como é evidente, é mais fácil encarar este livro como sendo sobre as outras pessoas. Porém, é também um livro acerca de cada um de nós. Tem a ver com a maneira como formamos crenças, como as consolidamos, as defendemos e as disseminamos. Tenho a esperança de que, em vez de nos limitarmos a olhar em volta e a dizermos a nós próprios «Estas pessoas são completamente doídas», comecemos a compreender as necessidades emocionais e as forças psicológicas e sociais que nos levaram a todos a acreditar naquilo em que acabámos por acreditar — e até a sentir empatia.

A ciência social dá-nos um valioso conjunto de ferramentas para compreender os diversos elementos deste processo e para o interromper ou mitigar. Muitas das investigações que apresento nestas páginas não são novas. Dei por mim a regressar a algumas das bases da área na minha tentativa de ajudar a explicar os elementos emocionais, cognitivos, de personalidade e sociais que levaram as pessoas a adotar crenças erróneas. Isto não é de surpreender. Afinal de contas, a propensão para a crença errónea faz parte da natureza humana.

De muitas maneiras, este livro assenta e expande o meu corpo de trabalho anterior, sobretudo a minha investigação sobre a irracionalidade humana. Afinal de contas, o que poderia ser mais irracional e mais humano do que adotar um conjunto de crenças para as quais existem poucas ou nenhuma provas? E insistir na verdade dessas crenças, mesmo quando nos alienam dos nossos familiares e amigos, e nos fazem viver num estado doloroso de suspeita e desconfiança?

No entanto, de outras maneiras, é um livro muito diferente de todos os que já escrevi. Primeiro, é mais pessoal do que os meus outros livros. As experiências que o motivaram foram desafiantes e emocionalmente difíceis, e fazer esta investigação significou que tive de me debruçar sobre essas experiências durante um período longo, o que aumentou ainda mais o meu desconforto.

Segundo, este livro analisa um fenómeno que é muito mais complexo e multifacetado do que qualquer outra coisa que eu tenha investigado anteriormente. No passado, as investigações que levei a cabo e depois descrevi nos meus livros tinham a ver com assuntos específicos, entre eles a procrastinação, a motivação no local de trabalho, os encontros *online* e o modo como pensamos erradamente acerca do dinheiro. As minhas hipóteses eram precisas (pelo menos, gosto de pensar que sim) e as investigações respondiam a questões que eram, espero eu, interessantes, tanto a nível prático como teórico. O problema que me propus compreender neste livro retira o seu poder de inúmeras fontes e inclui múltiplos elementos que se cruzam. Sabia, desde o início, que a investigação não iria resultar numa resposta simples. No entanto, tenho a esperança de ser capaz de fornecer um quadro útil que permita compreender o processo geral que as pessoas atravessam no seu percurso de pessoas com crenças para pessoas com crenças erróneas.

A minha abordagem, por uma questão de necessidade, foi uma combinação de reflexões pessoais, conversas, investigação antropológica e uma leitura abrangente dos documentos de ciência social que podem ajudar a esclarecer diferentes aspetos deste tema. Para escrever os elementos narrativos deste livro, baseei-me na minha memória dos acontecimentos descritos, complementada com a investigação e a corroboração de outras pessoas sempre que possível. Incentivado pela minha própria experiência, passei milhares de horas a analisar diferentes fontes de informação e de desinformação, a ouvir e, por vezes, a participar em discussões *online*, a ler a literatura académica e a realizar a minha própria investigação (e, por «investigação», não me refiro a ver vídeos do YouTube).

Afastando-me da abordagem que tivera até então, também iniciei conversas constantes e até relacionamentos com pessoas com crenças erróneas — as mesmas pessoas que estavam a disseminar ódio sobre mim *online*. O leitor irá conhecer muitas dessas pessoas nas páginas deste livro. Começaram por ser meus antagonistas pessoais, mas transformaram-se em participantes antropológicos, essenciais para a minha investigação mais alargada. Tentei conhecê-los,

mostrar empatia por eles e compreender o que os levava a cair no funil da crença errónea, para depois usar a lente da ciência social para generalizar o que aprendera. Mudei os nomes de alguns desses indivíduos e alterei pormenores identificativos, incluindo descrições físicas, nacionalidades e ocupações, para respeitar a sua privacidade sem prejudicar a integridade da história. Reconstruí conversas o melhor que consegui e baseei-me em SMS, mensagens de *e-mail* e publicações nas redes sociais (por vezes resumidas, outras vezes traduzidas). Estas conversas não foram transcritas no livro para representar uma documentação palavra por palavra — em vez disso, contei-as de uma maneira que evoca a sensação e o significado do que foi dito, mantendo a essência e o espírito da interação.

Tenho a esperança de que, através destas histórias e reflexões, talvez consigamos compreender um pouco melhor o que está a acontecer no mundo que todos partilhamos e possamos discutir as maneiras como nós, enquanto indivíduos, famílias e sociedades, podemos mitigar isso. Dado que a escala do problema parece cada vez mais avassaladora, a concentração no elemento humano — em compreender e combater a crença errónea em nós próprios e nos outros — talvez seja o caminho de mudança mais imediato e esperançoso. Isso não significa que seja uma tarefa simples. Mas há muitas pequenas medidas que podemos tomar para nos resguardarmos de cair pessoalmente na crença errónea, para desencorajarmos aqueles que nos rodeiam de adotarem narrativas falsas e para abrandar ou inverter o processo através do qual alguém que conhecemos e amamos está a sucumbir à crença errónea. Ao longo de todo o livro, salientei as minhas ideias acerca de como fazer isto em secções com o título «Espero que seja útil». Estas secções incluem várias ferramentas e ideias da ciência social que poderão ser úteis para navegarmos nestas águas turbulentas. Espero sinceramente que estas sugestões sejam úteis, mas também reconheço que todos temos muito a aprender sobre como desenredar a teia da crença errónea e da desinformação que tem aprisionado o nosso discurso público e privado.

Talvez o ponto de partida mais útil — e esperançoso — para todos nós seja a compreensão e a empatia. Sim, os conteúdos de desinformação com que nos deparamos podem ir do risível ao estranho, passando pelo absurdo, pelo ofensivo e até pelo perigoso. Alguns desses conteúdos merecem o rótulo pejorativo de «teoria da conspiração». Porém, o que impele as pessoas a terem interações com estes conteúdos poderá ser algo com que nos identificamos mais do que gostaríamos de admitir. Esforcei-me por abordar as pessoas com crenças errôneas que conheci com genuína curiosidade, reconhecendo que não tenho nada a ganhar em descartar, ridicularizar ou cancelar as pessoas cujas crenças parecem ser irreconciliáveis com a minha realidade. Foi um dos motivos pelo qual escolhi usar o termo *pessoas com crenças errôneas*, em vez do termo «teóricos da conspiração», que está carregado de juízos de valor. Espero que esta abordagem nos ajude a todos a compreender melhor as pessoas que fazem parte das nossas vidas e que veem o mundo de maneiras que poderão ser incompreensíveis para nós. E talvez, ao fazer isso, também acabemos por questionar algumas das nossas próprias crenças e a maneira como chegámos a elas. Afinal de contas, somos todos, às nossas próprias maneiras, pessoas com crenças errôneas.

PARTE I

O FUNIL DA CRENÇA ERRÓNEA

CAPÍTULO 1

Como pode *aquela* pessoa acreditar *naquela* coisa?

«Sei que a maioria dos homens — não apenas os que são considerados inteligentes, mas até os que são muito inteligentes e capazes de compreenderem os mais difíceis problemas científicos, matemáticos ou filosóficos — raramente consegue discernir até a verdade mais simples e evidente, se essa verdade os obrigar a admitir a falsidade das conclusões que formaram, talvez com grande dificuldade — conclusões de que se orgulham, que ensinaram a outros e nas quais basearam as suas vidas.»

LEV TOLSTOI, *O que é a Arte?* (1897)

«Falamos sobre o tempo», disse-me uma amiga, com um sorriso triste, referindo-se aos sogros. A maior parte dos outros temas de conversa — trabalho, saúde, política, até os filhos dela — tornaram-se terreno perigoso, com a probabilidade de expor as enormes clivagens ideológicas entre ela e as pessoas que, em tempos, a acolheram na família como se fosse uma filha.

Hoje em dia, parece que nos habituámos a ter esse tipo de pessoas nas nossas vidas — amigos, familiares ou colegas com quem restringimos cuidadosamente as nossas conversas. Talvez sejam

apenas conhecidos das redes sociais, mas também podem ser pessoas que conhecemos intimamente. Estou disposto a apostar que quase todas as pessoas que estão a ler isto conhecem *alguém* que passou por uma mudança drástica nas suas crenças profundas a respeito da saúde, dos meios de comunicação, do governo, da indústria farmacêutica e de outras coisas durante os últimos anos. Essas pessoas podem não acreditar subitamente que a Terra é plana (embora exista um número surpreendente de pessoas que acredita), mas é bem possível que neguem a existência da covid-19 ou que pensem que é uma arma biológica. Talvez se recusem a admitir a legitimidade das eleições presidenciais dos EUA de 2020 ou pensem que o Antifa encenou o ataque ao Capitólio. É possível que insistam em contar a história *verdadeira* por detrás do assassinio de John F. Kennedy, das alterações climáticas, dos acontecimentos do 11 de Setembro ou da morte da princesa Diana. Algumas podem afirmar com confiança que todas as vacinas são nocivas. Outras pensam que as pessoas que são contra as vacinas são, na verdade, um povo lagarto que inventou uma conspiração engenhosa para destruir a humanidade. (Admito que esta última foi inventada pelas pessoas que estão por detrás da campanha ScienceSaves destinada a promover as vacinas. Porém, percebe o que quero dizer).

Por vezes, parece que a vaga crescente de desinformação e crenças falsas não deixou nenhuma comunidade ou família ileso. E, piadas acerca do povo lagarto à parte, já não se trata de algo que nos faz rir. Quando ouve as palavras *teoria da conspiração*, é provável que aquilo que lhe vem à mente não sejam apenas chapéus de papel de alumínio ou homenzinhos verdes — é algo muito mais sério e mais pessoal. Sempre que falo neste assunto, vejo expressões compungidas. As pessoas abanam a cabeça e falam-me do amigo, do primo, dos pais, dos sogros, dos filhos. Daqueles que têm medo de convidar para festas ou ocasiões familiares. Daqueles com quem não conseguem conversar, de todo. Simplesmente, não conseguem compreender como é que *aquela* pessoa começou a acreditar *naquelas coisas*.

Conheço essa sensação demasiado bem. Para mim, um dos momentos mais perturbadores do meu percurso no universo paralelo foi uma conversa com uma mulher que conhecia desde que ela tinha 8 anos e que considerava quase da minha família. Essa mulher não só aceitara a história de que a covid-19 era uma conspiração mundial para promover vacinas nocivas e matar pessoas, como também acreditava que eu era um dos responsáveis por tudo isso. Nem sequer o relacionamento pessoal que tinha comigo há décadas conseguiu dissuadi-la disso e não havia nada que eu pudesse dizer para a fazer mudar de ideias.

É confuso, frustrante, doloroso e até assustador sentirmos subitamente que o fosso da crença errónea se abre entre nós e alguém que amamos, alguém que pensávamos que era... bem, que era igual a nós. Porém, agora perguntamo-nos como é que acabámos por viver em universos tão alternativos? Como é que esta pessoa aparentemente racional e normal começou a adotar narrativas irracionais e falsas acerca da realidade? E porquê agora?

É frequente perguntar a mim mesmo se o problema da crença errónea estará a piorar. Não há dúvida de que parece que isso está a acontecer, de maneira anedótica. Parece que as teorias da conspiração se estão a propagar exponencialmente, alimentadas pela Internet, pela pandemia da covid-19, pela polarização política e, mais recentemente, pelos desenvolvimentos a nível da tecnologia de inteligência artificial (IA). Essas teorias já não estão relegadas às franjas da sociedade, a vídeos domésticos torpemente dramatizados e a salas de conversação privadas. Agora, são confiantemente verbalizadas por políticos eleitos, celebridades populares e apresentadores de noticiários. E espalham-se perigosamente pelas nossas vidas, com eventos como o ataque de 6 de janeiro de 2021 ao Capitólio dos EUA e crimes de ódio motivados pela desinformação. Contudo, apenas o tempo e as investigações irão revelar em que medida é que, atualmente, são mais comuns ou apenas mais visíveis.

Sabemos que o problema da crença errónea é anterior à nossa era e que é provável que se mantenha durante o futuro próximo.

Apenas para que tenha uma noção histórica da tenacidade da crença errônea, eis alguns exemplos antigos: no ano 68 da era comum, alguns romanos antigos acreditavam que o infame imperador Nero fingira a sua morte e estava a conspirar para recuperar o trono. Nos anos seguintes, Roma foi assolada por uma série de impostores que afirmavam ser o imperador que regressara. Algumas pessoas acreditavam que a rainha Isabel I morrera em criança e fora secretamente substituída por um rapaz (que outro motivo haveria para a rainha nunca ter casado e usar sempre uma peruca?). Por falar em substituições, Paul McCartney, que tem 81 anos à data da escrita deste livro, teve de se esforçar muito na década de 1960 para convencer alguns fãs de que não morrera e fora substituído por um sócia. Talvez tenha ouvido falar da crença de que a Terra é plana, mas sabia que há pessoas que acreditam que a Terra é oca? E depois temos todas aquelas teorias da conspiração que insistem que determinados acontecimentos históricos e eventos atuais não aconteceram — desde o Holocausto ao assassinio de Martin Luther King, Jr., passando pela ida à Lua, pelo 11 de Setembro e pelo massacre na Escola Elementar de Sandy Hook. Há até uma teoria da conspiração sobre a origem do termo *teoria da conspiração* (aleadamente, a CIA criou o termo para desacreditar as pessoas que estavam a questionar a história oficial acerca do assassinio de JFK).

Além disso, também é difícil perceber onde acaba uma teoria da conspiração e começa outra. Parte da natureza das teorias da conspiração é a reivindicação de ligações — teias ocultas de causa e efeito, relacionamentos secretos e alianças dedicadas a causas obscuras. Consequentemente, não é de surpreender que as próprias teorias tenham tendência para se sobrepor e para ficar entrelaçadas (como se viu na crença de que a vacina da covid-19 tem um *chip 5G*: duas teorias da conspiração pelo preço de uma!). A imensidão de teorias da conspiração que surgiu em torno da covid-19 baseava-se em temas que foram estabelecidos muito antes de alguém ter ouvido falar do vírus e, embora tivessem um novo elenco de vilões (pessoas como o Dr. Fauci, Bill Gates e eu próprio), também

recuperaram velhos favoritos (os *Illuminati*, o Estado Profundo e elites vagas e obscuras). As velhas e as novas narrativas passaram a reforçar-se mutuamente.

Caso em análise: enquanto estava a trabalhar neste livro, fiz uma viagem a Toronto. Os meus voos, tanto de ida como de volta, faziam escala no Aeroporto Internacional de Denver. Para mim, isso não era um problema — é um bom aeroporto, desde que se preveja a hora de chegada de maneira a evitar as trovoadas da tarde que são comuns no verão. Apreciei as vistas da montanha enquanto o avião se preparava para aterrar e depois encontrei um bom sítio para comer uma refeição. No entanto, se algum dos meus detratores *online* tivesse sabido da minha viagem, talvez tivessem considerado suspeito, se não flagrantemente condenatório, que as minhas viagens me levassem a esse sítio específico. Coincidência? Os meus detratores achariam que não. É que, sabe-se, há um número surpreendente de pessoas que acredita que o Aeroporto Internacional de Denver é, na verdade, a sede secreta dos *Illuminati*. Diz-se que esta encarnação moderna da antiga irmandade se encontra em túneis subterrâneos situados por debaixo dos terminais. Tenho a certeza de que teria sido fácil ligar os pontos e concluir que eu estava no aeroporto para reuniões secretas com os meus amigalhões *Illuminati* sobre a nossa conspiração para reduzir a população mundial recorrendo às vacinas. E, assim, sem mais nem menos, um conjunto de teorias da conspiração que existe desde meados da década de 1990, quando o Aeroporto Internacional de Denver foi inaugurado, pode fundir-se com as crenças erróneas muito mais recentes relativas à covid-19.

Por falar no aeroporto de Denver, as teorias não se limitam aos *Illuminati*. Algumas pessoas argumentam que esses túneis subterrâneos são os covis de uma colónia do povo lagarto (talvez o mesmo que está por detrás da campanha antivacinas?). Ou serão extraterrestres? Outras pensam que os túneis são um *bunker* que irá abrigar as elites do mundo quando tudo for para o diabo. Ou que há uma cidade subterrânea inteira, construída pela Nova Ordem Mundial. Se pensa que tudo isto parece inverosímil, aconselho-o

a procurar pistas escondidas na coleção de arte do aeroporto, que inclui algumas gárgulas bastante feias e um cavalo azul um pouco surpreendente, que está empinado e tem olhos vermelhos brilhantes, e que se diz ser uma representação demoníaca do Apocalipse que se aproxima. Não acredita nisso? Por que outro motivo teria o artista que esculpiu o cavalo morrido enquanto o fazia? (Com efeito, essa parte é verdade — o escultor, Luis Jiménez, teve uma morte inesperada quando um pedaço do cavalo lhe caiu em cima no seu ateliê e lhe cortou uma artéria. Foram os filhos que tiveram de terminar o projeto cujo prazo já terminara.)

Seja como for, tudo isto é apenas para dizer que podemos encontrar teorias da conspiração onde quer que aterremos. E embora muitas das histórias pessoais que partilho neste livro sejam sobre crenças erróneas associadas à covid-19, dado que é com essas que tenho mais experiência em primeira mão, a minha intenção é mais alargada: nomeadamente, ajudar a explicar os alicerces psicológicos da crença errónea num sentido mais geral.

Outro motivo para a covid-19 ser um foco específico deste livro é o facto de a pandemia ter criado condições extremas para nos ajudar a compreender o problema geral da crença errónea. Em que outra altura assistimos a tal combinação de stress e medo generalizados, de isolamento social e perda de sistemas de apoio, de troca de mensagens confusas, de perda de confiança nas instituições, de polarização política, de tempo livre para passar *online* e de outras situações? Tudo isso contribuiu para uma situação em que um grande número de pessoas adotou narrativas novas e falsas sobre o mundo num período relativamente curto.

Historicamente, este tipo de mudanças drásticas em grande escala era uma raridade. Na verdade, se há algo que se tornou claro para os cientistas sociais, é que mudar as opiniões e as crenças das pessoas é muito difícil. Para provar isso a si mesmo, da próxima vez que estiver num jantar aborrecido, peça às pessoas que estão à mesa que partilhem algo em relação ao qual mudaram de ideias antes da pandemia. Imagino que se mantenham todas caladas. É revelador como muitas pessoas não têm uma resposta para esta

pergunta ou, pelo menos, não têm uma resposta interessante. Seja honesto: de que modo responderia a esta pergunta? Além disso, pense nas pessoas que conhece. Quantas pessoas conhece que tenham mudado de equipa de futebol (ou qualquer outra equipa desportiva)? Quantas pessoas conhece que tenham mudado de partido político em adultas? As investigações indicam que mesmo as mudanças a nível da liderança dos partidos e de questões ligadas à ordem do dia têm surpreendentemente pouco efeito na grande maioria das pessoas.

Tudo isto salienta até que ponto é invulgar que grandes números de pessoas tenham mudado significativamente as suas opiniões e crenças durante os primeiros anos da década de 2020. Quantas o fizeram? É difícil dizer. Contudo, as provas circunstanciais sugerem que se analisarmos a quantidade de pessoas que mudaram de opiniões — desde aquelas que agora confiam um pouco menos na Organização Mundial da Saúde, às que agora pensam que o Grande Reinício está em pleno andamento — trata-se de uma grande percentagem. Pense apenas nas pessoas do seu círculo. Creio que é seguro dizer que toda a gente conhece alguém que sucumbiu à crença errónea durante esses anos.

Houve muitas forças que se uniram durante esse período para criar as condições que levariam tantas pessoas a mudarem as suas opiniões. Foram essas condições exclusivas deste momento da História? Não. Mas foram invulgarmente generalizadas e ocorreram em simultâneo? Sim. E é por esse motivo que é tão importante compreender esse período.

Sem dúvida alguma, espero que as condições exatas da pandemia da covid-19, tal como o imperador Nero, não regressem em breve. Contudo, ainda assim, é importante compreender as condições subjacentes e os alicerces psicológicos que podem facilitar este tipo de mudanças de opinião drásticas. Como é evidente, as opiniões e as crenças também podem mudar para sempre, mas aquilo a que assistimos nesta era foi a muitas pessoas mudarem as suas opiniões de uma maneira que reduz a confiança que têm nas pessoas, na sociedade, na ciência e nas instituições.

Uma análise mais atenta da crença errónea

Uma definição simples de «crença errónea» pode ser equiparada à aceitação de uma falsidade em relação a um facto específico. Não é nesse sentido que a expressão «crença errónea» é utilizada nestas páginas. Em vez disso, iremos pensar na crença errónea como uma perspetiva ou mentalidade psicológica que age como uma lente distorcida através da qual as pessoas veem o mundo, raciocinam sobre ele e o descrevem a outros. Além disso, a crença errónea será explorada não apenas como um estado, mas também como um processo.

Tal como veremos no Capítulo 2, o processo da crença errónea pode ser considerado como um funil. Da primeira vez que entra nesse funil, a pessoa poderá ter apenas algumas questões que a incomodem em relação às verdades aceites e às fontes de informação estabelecidas no âmbito da ciência, da saúde, da política, dos meios de comunicação e por aí adiante. Na outra ponta do funil, todas as fontes «convencionais» são descartadas e as pessoas aceitam completas verdades alternativas ou teorias da conspiração sem qualquer hesitação. Como é evidente, esse caminho tem muitos passos.

Quando falamos sobre crença errónea, não estamos apenas a falar *sobre eles* — as pessoas que acreditam em todos os tipos de coisas estranhas. Em certa medida, todos nós temos as características de pessoas com crenças erróneas. Muitos de nós não acreditamos em tudo o que as empresas farmacêuticas afirmam e procuramos apoio de saúde adicional fora da medicina convencional. Muitos de nós temos questões acerca da maneira como os governos e as autoridades de saúde pública abordaram a pandemia da covid-19 e discordamos de algumas das decisões que tomaram. A maior parte de nós sabe perfeitamente que as redes de meios de comunicação têm vieses intrínsecos e agendas tácitas, embora não sejam necessariamente prejudiciais. Contudo, regra geral, abordamos as informações de um governo, de uma instituição científica ou dos meios de comunicação com a atitude de haver boas hipóteses de

essas informações serem verdadeiras. Isso não significa que não vamos verificá-las ou confirmá-las. O ceticismo é saudável e é sensato fazer perguntas e até fazer a nossa própria investigação e verificação dos factos, sobretudo numa era em que a desinformação é tão generalizada.

No entanto, à medida que as pessoas progredem no funil da crença errónea, chegam a um ponto em que o ceticismo saudável se transforma numa desconfiança reflexa de tudo o que é «convencional» e em que a abertura de espírito genuína resvala para a dúvida disfuncional. Há um ponto de viragem em que as pessoas já não estão simplesmente a questionar as narrativas convencionais, mas, em vez disso, aceitam e ficam amarradas a um conjunto de crenças totalmente novas que encontraram no processo. Nessa fase, abordam as informações que vêm de um governo, de uma instituição científica ou dos meios de comunicação através de uma lente de suspeita e desconfiança automáticas. Irão procurar maneiras que justifiquem a probabilidade de essas informações serem falsas e enganadoras. Aqueles que já estão profundamente entrenchados na crença errónea já terão a certeza de que isso faz parte de uma conspiração perversa — um plano retorcido malévolo levado a cabo por elites perversas. Neste sentido, a crença errónea tem a ver tanto com a quantidade de crenças falsas que uma pessoa tem quanto com uma mentalidade geral de desconfiança e suspeita.

Uma analogia útil é pensar na crença errónea como sendo semelhante a uma doença autoimune. Um sistema imunitário saudável está atento a infeções ou vírus que ameacem o corpo e atua para nos proteger de doenças. Contudo, por vezes, a resposta imunitária torna-se hiperativa ou desorientada e começa a atacar o corpo que foi concebido para proteger. Quando uma doença autoimune se torna crónica, pode afetar múltiplos sistemas e prejudicar de maneira essencial a nossa capacidade de funcionar no mundo. A crença errónea crónica é semelhante. Os instintos saudáveis que nos inclinam para o ceticismo e para a reflexão independente tornam-se hiperativos e viram-se contra nós, de maneiras que são destrutivas e debilitantes.

A crença errónea não é um problema de esquerda ou de direita

É fácil apontar o dedo e atribuir a culpa do problema da desinformação às pessoas que têm posições políticas diferentes, ao mesmo tempo que consideramos que aqueles que partilham da nossa inclinação política são escrupulosamente verdadeiros. Contudo, isso está longe de ser correto. A crença errónea não é apenas um problema de esquerda ou de direita — é um problema humano.

Os estudos constataram que tanto os liberais como os conservadores consomem e disseminam desinformação, embora nem sempre em igual medida, e que as alas extremistas de cada partido político são particularmente suscetíveis. É interessante que, se seguirmos os extremos das crenças erróneas até ao fim, por vezes descrevem círculos, encontram-se no meio e criam estranhas alianças, como o atual movimento antivacinas ou até o QAnon, em que *hippies* ultraprogressistas que rejeitam a medicina moderna dão por si alinhados com ultraconservadores que desconfiam do governo intrusivo. Embora o conteúdo de crenças erróneas específicas mude em certa medida, dependendo das inclinações políticas (tal como é ilustrado na Figura 1, na página seguinte), o fenómeno da crença errónea propriamente dito é um enigma humano, não um traço liberal ou conservador.

Um misto de pessoas com crenças erróneas

Devemos reconhecer que há uma vasta gama de intervenientes no campo da desinformação, desde os nefastos aos ingénuos. Do lado extremamente nefasto, há potências estrangeiras que utilizam a desinformação como ferramenta estratégica contra os seus adversários. Por exemplo, em 2016, a máquina de informação russa pegou numa história sobre uma rapariga russo-alemã que desapareceu durante 24 horas e que afirmou ter sido violada por



FIGURA 1

Lista de crenças erróneas e das suas correlações com a filiação política

Se uma crença tem uma pontuação «positiva» (mais para a direita no gráfico), é mais fortemente defendida por conservadores. Se uma crença tem uma pontuação «negativa» (mais para a esquerda no gráfico), é mais fortemente defendida por liberais. Temos a tendência para pensar que apenas é provável que as pessoas do outro lado da ala política, as que não são «as nossas pessoas», sejam pessoas com crenças erróneas, mas, tal como esta figura ilustra, as crenças erróneas parecem estar igualmente distribuídas por todo o espectro político. Baseado no trabalho de Adam Enders e colegas.

migrantes árabes e usou-a para acusar o governo alemão de abafar o caso e de ocultar provas de que a crise dos refugiados estava descontrolada. Posteriormente, a rapariga confessou ter inventado a história, mas não antes de a desinformação ter sido utilizada para provocar manifestações anti-imigração, aumentando tanto as tensões raciais entre alemães e muçulmanos como as tensões diplomáticas entre a Rússia e a Alemanha.

Depois, há aqueles que utilizam a desinformação para promover agendas políticas. Em 2017, os liberais americanos disseminaram largamente uma notícia falsa sobre a polícia ter assaltado e incendiado um campo de manifestantes em Standing Rock. Veio a descobrir-se que a história não era verdadeira e que até a fotografia que a acompanhava não tinha qualquer relação com os eventos descritos. No entanto, a história serviu para inflamar ainda mais os medos das pessoas de esquerda, que estavam convencidas de que a recente eleição de Donald Trump como presidente marcava o início da queda no autoritarismo violento. E, como é evidente, o mesmo acontece do outro lado da ala política. Apenas um exemplo, entre muitos, é a maneira como os republicanos espalham falsos relatos de fraude eleitoral para minar a confiança no processo eleitoral sempre que os seus candidatos perdem. Por vezes, a desinformação é utilizada para encobrir as consequências de outra desinformação que foi demasiado longe. Quando, em 2022, um agressor inspirado por teorias da conspiração populares de direita invadiu a casa de Nancy Pelosi, a presidente da Câmara dos Representantes, e atacou o seu marido, Paul Pelosi, com um martelo, foram precisas apenas algumas horas até que os legisladores e especialistas de direita comesçassem a espalhar rumores de que o agressor era, na verdade, um prostituto homossexual ou um ator contratado para o efeito.

Um pouco menos nocivos são aqueles que obtêm lucros financeiros com a disseminação de desinformação — por exemplo, um guru da saúde que ganha milhões de dólares a vender suplementos a pessoas que estão convencidas de que tudo aquilo em que as empresas farmacêuticas tocaram tem por objetivo matá-las.

O tipo mais comum é a pessoa ingénuo que não tem qualquer interesse ou agenda além da informação propriamente dita. Estas pessoas não querem incitar o ódio e a confusão, não querem poder político e não querem dinheiro. Querem apenas compreender o mundo que as rodeia. Nesse aspeto, estas pessoas somos todos nós, só que, por alguma razão, a sua tentativa de compreensão levou-as a entrar no funil da crença errónea e, enquanto o faziam, a sua visão do mundo mudou fundamentalmente. Quando isso aconteceu, sentiram-se compelidas a partilhar os seus novos conhecimentos e compreensão da realidade. À primeira vista, não é claro o que motiva estas pessoas ao certo, ou o que têm a ganhar com o seu envolvimento na desinformação.

É fácil pensar nestas pessoas como «eles», mas a verdade é que são essencialmente iguais a todos nós. Todos nós consumimos informações e tentamos utilizá-las para compreender o mundo que nos rodeia. Por vezes, deparamo-nos com encruzilhadas estranhas, viramos no sítio errado e ficamos perdidos. Se queremos evitar essa sorte para nós próprios ou para aqueles que amamos, é importante reconhecer esta possibilidade e esforçarmo-nos por ter uma compreensão empática do caminho que levou a essa viragem errada, da psicologia que lhe está subjacente e das consequências da viagem.

POR QUE RAZÃO AS PESSOAS ACEITAM A DESINFORMAÇÃO E ABRAÇAM AS TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO?

Das redes sociais aos debates políticos, das conversas casuais no café até aquelas tidas nas nossas relações mais íntimas, a desinformação está presente todos os dias, afetando-nos tanto a nível pessoal como social. Como lidar com ela?

Dan Ariely, proeminente cientista social e autor *bestseller*, afirma que, para compreender o apelo irracional da informação falsa, temos primeiro de compreender a descrença — o percurso psicológico e social que leva as pessoas, independentemente da sua visão do mundo, a desconfiarem das verdades aceites, a aceitarem factos alternativos e até a abraçarem teorias da conspiração.

Baseado em anos de estudo, bem como na experiência do autor como alvo de desinformação, este livro é uma análise abrangente e reveladora dos fatores psicológicos que contribuem para aceitar crenças erróneas, oferecendo, ao mesmo tempo, alguma esperança para o futuro.

«Uma viagem pessoal e profissional para compreender o mundo dos descrentes e da criação de teorias da conspiração, oferecendo ideias e dicas que, esperamos, nos ajudem a proteger o nosso frágil tecido social de ser dilacerado pela desinformação e pela desconfiança.»

YUVAL NOAH HARARI, autor *bestseller*



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinlivros

ISBN: 978-989-583-472-3



9 789895 834723